

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE A MATEMÁTICA NA TRAJETÓRIA FORMATIVA E PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTOBIOGRAPHIC NARRATIVES ABOUT MATHEMATICS IN THE FORMATIVE AND PROFESSIONAL PATH OF A TEACHER IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ALESSANDRA IMACULADA DE ALMEIDA NEVES¹

RAFAELA REIS AZEVEDO OLIVEIRA²

SANDRA ALVES DE OLIVEIRA³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compartilhar narrativas autobiográficas sobre a matemática na trajetória formativa e profissional de uma professora da educação infantil da rede municipal de ensino de Juiz de Fora. A produção de narrativas autobiográficas de processos formativos experienciados pela participante da pesquisa representa as memórias de sua infância, os registros escritos, as anotações e os diários reflexivos de práticas de ensino em matemática que contribuíram para a construção de sua identidade docente e para atuação em sala de aula da educação infantil. Nesta pesquisa de abordagem qualitativa, as narrativas autobiográficas foram utilizadas como instrumento metodológico que propiciou compreender as histórias de experiências matemáticas no percurso das práticas formativas na educação básica e superior de uma professora da educação infantil. Os saberes matemáticos experienciais foram ressignificados nos encontros formativos que proporcionaram à professora entender os conteúdos de matemática para ensinar às crianças de forma dinâmica, motivadora, indagadora e instigante.

Palavras-chave: Matemática. Educação Infantil. Processos formativos. Saberes e aprendizagens. Narrativas autobiográficas.

ABSTRACT

This article aims to share autobiographical narratives about mathematics in the formative and professional trajectory of a teacher of early childhood education in the municipal school system of Juiz de Fora. The production of autobiographical narratives of formative processes experienced by the research participant represents the memories of her childhood, written records, notes and reflective diaries of teaching practices in mathematics that contribute to the construction of her teaching identity and to acting in the classroom of kindergarten class. In this qualitative approach research, autobiographical narratives were used as a methodological instrument that allowed us to understand the histories of mathematical experiences in the course of training practices in basic and higher education of a kindergarten teacher. The experiential mathematical knowledge was redefined in the formative meetings that allowed the teacher to understand the contents of mathematics to teach children in a dynamic, motivating, inquiring and thought-provoking way.

Keywords: Math. Child education. Formative processes. Knowledge and learning. Autobiographical narratives.

1 Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora da Educação Infantil da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, Minas Gerais. E-mail: aleineves1978@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6682-05>

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professora do Departamento de Educação da UFJF. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGE/FACEd/UFJF) e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública (CAEd/FACEd/UFJF). E-mail: rafareis2001@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3517-033>

3 Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XII/Guanambi. Professora no Colégio Municipal Aurelino José de Oliveira, Candiba, Bahia. Integra os Grupos de Pesquisas: NEPE/*Campus* XII/UNEB, GEM/UFSCar, GREPEM/UFJF. E-mail: saoliveira@uneb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7804-7197>

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo compartir narrativas autobiográficas sobre las matemáticas en la trayectoria formativa y profesional de una profesora de educación infantil en el sistema escolar municipal de Juiz de Fora. La producción de narrativas autobiográficas de procesos formativos vividos por la participante de la investigación representa los recuerdos de su infancia, registros escritos, apuntes y diarios reflexivos de prácticas docentes en matemáticas que contribuyen a la construcción de su identidad docente y al actuar en el aula de kindergarten. En esta investigación de abordaje cualitativo, se utilizaron las narrativas autobiográficas como instrumento metodológico que permitió comprender las historias de las experiencias matemáticas en el transcurso de las prácticas formativas en la educación básica y superior de un maestro de jardín de infancia. El conocimiento matemático vivencial se redefinió en los encuentros formativos que permitieron al docente comprender los contenidos de las matemáticas para enseñar a los niños de manera dinámica, motivadora, inquisitiva y estimulante.

Palabras clave: Matemáticas. Educación Infantil. Procesos formativos. Conocimiento y aprendizaje. Narrativas autobiográficas.

INTRODUÇÃO

O movimento de reflexão sobre a trajetória formativa e profissional de uma professora da educação infantil de uma escola da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, Minas Gerais, participante da pesquisa realizada no âmbito do curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática nos Anos Iniciais da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no período de 2019 a 2020, possibilitou-lhe pensar a dinâmica existencial de seus processos formativos na educação básica e superior.

O excerto a seguir, da narrativa autobiográfica produzida pela professora da educação infantil, “[...] compartilha histórias de experiências autobiográficas como demonstração às inquietações relacionadas à sua prática profissional e vida cotidiana” (NEVES; OLIVEIRA, R.; OLIVEIRA, S., 2021, p. 221), no percurso de sua trajetória formativa e profissional.

*Hoje, de frente para o espelho, perguntei-me: quem é você?
Ah, pergunta estranha!
Nem sempre fácil de se responder
Sou muitas e em movimentos constantes
Às vezes palavras soltas
Sou vento forte que arranca das árvores suas folhagens,
Outras leve brisa num entardecer praiano
Dias de sol, mas também de chuva
Sou mulher, mãe, professora
Sou medo e esperança
Poema e canção
Dança e emoção
Preâmbulo entre passado e presente
Entre práticas e teorias
Sonhos e conquistas
Rescrevo e me reinvento. (Professora da Educação Infantil)*

Nesse contexto, corroboramos a afirmação de Souza (2014, p. 43): “Narrativas (auto)biográficas, construídas e/ou coletadas em processo de pesquisa ou em práticas de formação, centram-se nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos [...]”. Estas possibilitam aos(às) partícipes da pesquisa analisar e refletir suas histórias de si produzidas “[...] no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram [...]” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 51) os percursos formativos.

As narrações dos momentos experienciados na trajetória formativa e profissional “[...] revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto” (JOSSO, 2007, p. 413), nos encontros com os pares que contribuem para o desenvolvimento pessoal e profissional.

O processo profissional da professora participante deste estudo iniciou-se na educação infantil, quando atuou na função de ajudante de professoras, na turma do Maternal, em uma creche na cidade de Juiz de Fora. Posteriormente, mesmo sem possuir uma formação específica, pois tinha cursado somente o Ensino Médio, que não era suficiente para atuar como professora, deixou o ofício de ajudante e assumiu a regência da primeira turma que contava com 22 crianças de 2 a 3 anos, no turno matutino, e uma turma multisseriada, com crianças de 4 a 6 anos, no período vespertino. Com efeito, construiu sua identidade docente nas práticas formativas experienciadas nesses espaços de formação e de “[...] construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (NÓVOA, 2013, p. 16), nas relações estabelecidas com os pares.

Nesse ínterim, matriculou no Curso Normal Superior para aprofundar os conhecimentos teóricos e práticos dos fundamentos da educação infantil, por meio do processo da busca ao que-fazer docente numa relação dialógica com os pares, nas ações de ensinar-aprender que “[...] não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p. 160).

Na sua caminhada formativa, as narrativas (auto)biográficas produzidas possibilitaram construir “[...] conhecimento a partir de si mesmos, de suas trajetórias e experiências de vida” (SOUZA; CRUZ, 2017, p. 175), conforme descreve momentos de sua prática pedagógica.

Cheguei animada naquela tarde à escola. Hoje trabalharei baseando-se nos saberes das crianças sobre as formas geométricas. Eu com meus pensamentos. Peguei os blocos lógicos, um saco cheio deles, coloquei em frente às crianças e observei por 15 minutos. Nada aconteceu... Bem, na verdade aconteceu sim, porém, meu olhar estava preso a conceitos prontos e pré-estabelecidos contidos em uma metodologia sistemática, onde apenas uma resposta cabe a um objetivo. O daquele dia: que as crianças identificassem círculos, triângulos, quadrados e retângulos, nada além disso. Nada além do que eu queria ver. (Professora da Educação Infantil)

A narrativa dessa professora revela as possibilidades do trabalho com blocos lógicos nas práticas pedagógicas na educação infantil, por meio de diferentes saberes experienciais das crianças sobre as formas geométricas contidas neles. Destarte, “a criança aprende pela sua ação sobre o meio onde vive: a ação da criança sobre os objetos, através dos sentidos, é um meio necessário que ela consiga realizar uma aprendizagem significativa” (LORENZATO, 2006, p. 11). Assim, diferentes recursos metodológicos devem ser compartilhados nos processos de ensino-aprendizagem.

Diante dos esforços constantes não conseguia colocar em prática os ensinamentos de Freire (1996, p. 52): “[...] criar as possibilidades para a produção ou a construção de conhecimentos”.

Sentia-se como mera transferidora de conhecimento. Por essa razão, buscou continuar os estudos, com a complementação da graduação em Pedagogia na Faculdade Metodista Granbery, no ano de 2017.

Como professora polivalente, ou seja, habilitada para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, atuar nas disciplinas (matérias) básicas: Língua Portuguesa (Alfabetização), História, Geografia, Ciências e Matemática, associadas aos tempos dedicados aos estudos e tempo de trabalho, deveria se sentir segura e confiante. Mas não, pois ainda não compreendia todos os conteúdos de matemática que deveria ensinar a seus estudantes, como ressalta na sua narrativa o trabalho com quantidades em aulas de matemática na educação infantil.

Trabalhar quantidades sempre foi tão fácil. Preparei a aula, separei o livro “Come Come”, de Nye Ribeiro, para auxiliar na introdução dos conteúdos: animais, seus habitats, cadeia alimentar, características, oralidade, construção coletiva, quantidades associadas ao numeral. Na educação infantil, considero uma dádiva trabalhar de maneira interdisciplinar a partir de um tema norteador. Bem, feita a leitura do livro iniciamos uma conversa muito agradável e participativa sobre animais. Quanta troca!!! Porém, quando iniciamos o trabalho com quantidades, identificadas a cada página, pelas crianças, tudo se modificou. Saí de uma aula regada de vários conhecimentos para uma regada por atividades que considerava muito boas: colagem, recorte, dobraduras, mas tudo ditado por mim. Quantidade, sim. Proatividade, porém.
(Professora da Educação Infantil)

Desse modo, participou e foi selecionada no curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática nos Anos Iniciais da FAGED/UFJF, no ano de 2019. Como estudante da Especialização deparou com olhares, mentes, seres tão inquietos e em constante movimento em relação às práticas, às ações e ao ideário de educação proposto por Freire (1996, p. 25, grifo do autor):

[...] quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém.

Os ensinamentos e as trocas de saberes vivenciados pela professora da educação infantil no curso de Especialização, proporcionaram-na “[...] experiências que levaram cor ao que antes estava pálido e causava medo” (NEVES; OLIVEIRA, R.; OLIVEIRA, S., 2021, p. 223). Uma de suas vivências foi a escrita de narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa, nas quais registrou histórias da matemática na sua trajetória formativa e profissional, compartilhando práticas pedagógicas como docente na educação infantil. “Por meio das narrativas autobiográficas, é possível estabelecer outra relação com a aprendizagem” (NACARATO; PASSEGGI, 2013, p. 289), nas interações com os outros nos espaços de formação na educação básica e superior.

Neste estudo, o foco se dá na narrativa autobiográfica como fonte de pesquisa, como sujeito do desenvolvimento, transformando textos de campo para textos de pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2015). Destarte, a questão orientadora da investigação é: como a matemática é representada nas

narrativas autobiográficas da trajetória formativa e profissional de uma professora da educação infantil da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, Minas Gerais?

Assim, três pontos impulsionaram-na neste estudo: 1 - intuito de fomentar e aguçar o diálogo entre os pares; 2 - demonstrar que os desafios da profissão docente são muitos, e que muitos outros professores também os vivenciam; 3 - compartilhar aprendizagens com outros professores que atuam na educação infantil e que também transitam em meios a tantos “desassossegos” em relação à sua prática e às experiências matemáticas.

Nesse contexto, “[...] Dewey entende que um critério da experiência é a continuidade, nomeadamente, a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras experiências e de que experiências levam a outras experiências” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 30). Esses autores salientam a importância das diferentes experiências construídas no contexto das vivências pessoais e sociais.

As narrativas autobiográficas produzidas pela professora da educação infantil participante da pesquisa oportunizam conhecer o seu ideário pedagógico e como os contextos vividos e experienciados na sua trajetória formativa e profissional contribuem para a constituição de “[...] princípios fundamentalmente éticos de nossa existência” (FREIRE, 1996, p. 66).

Com o objetivo de compartilhar narrativas autobiográficas sobre a matemática na trajetória formativa e profissional de uma professora da educação infantil da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, Minas Gerais, este artigo, além da introdução e das considerações finais, está organizado em três seções. Na primeira, explicitaremos os caminhos metodológicos trilhados na pesquisa. Na segunda, refletiremos sobre a matemática na formação e prática pedagógica na educação infantil. Na terceira, compartilharemos as narrativas autobiográficas de experiências matemáticas na trajetória formativa e profissional de uma professora da educação infantil.

CAMINHOS METODOLÓGICOS TRILHADOS NA PESQUISA

A utilização de narrativas autobiográficas no processo investigativo, segundo Souza e Cruz (2017, p. 181), é um “[...] importante dispositivo de formação e autoformação, por parte de cada sujeito, do seu percurso pessoal e profissional, permitindo-lhe assim debruçar-se sobre sua história, atribuindo-lhe sentidos, a partir de uma perspectiva global”. Esse instrumento metodológico experienciado nesta pesquisa para produção e análise dos dados, constitui-se como significativo para compreender experiências matemáticas na trajetória formativa e profissional de uma professora da educação infantil.

As narrativas autobiográficas produzidas pela participante da pesquisa realizada no contexto da Especialização, no período de 2019 a 2020, compartilham momentos experienciados na infância, na juventude e nas salas de aula nos últimos sete anos, como professora da educação infantil. Assim, as inquietações relacionadas à matemática se tornaram sufocantes, de acordo com seus relatos apresentados nos excertos de suas narrativas.

Nos encontros formativos da Especialização e outros momentos registrou muitas anotações, rascunhos, notas em cadernos de planejamento nos quais utilizou para transcrever as narrativas apresentadas neste estudo. As anotações de campo, segundo Clandinin e Connelly (2015, p. 147), “são as formas mais importantes que temos de registrar os pedacinhos de nada que preenchem nossos dias”. Assim, a professora participante da pesquisa, autora deste artigo, destaca que não esperava que as usaria como um aparato metodológico na produção de dados da pesquisa.

Revisitar o seu passado, conectar-se ao contexto de formação, penetrar na constituição das identidades e subjetividades e assim alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa, tendo nas narrativas

autobiográficas “[...] um dos caminhos possíveis para a (re)construção da identidade docente num movimento entre o singular e o coletivo” (NACARATO; PASSEGGI, 2013, p. 291). Procurar nas narrativas de suas experiências na educação infantil, lembranças como estudante e como profissional nos ambientes formativos na educação básica e superior, constitui, segundo as autoras, processo de autoformação. Dessa maneira, tem a oportunidade de conhecer o passado, mas com olhos do presente; é o passado possibilitando questões para o presente, como nos apresentam as autoras:

[...] como afirma Ricouer (2009, p. 68), o passado escapa a toda apreensão, daí a necessidade de constantes construções e reconstruções, visando a uma aproximação cada vez maior com o que nos aconteceu. Os vestígios, as marcas do passado estarão mortos e mudos se as pessoas não forem capazes de tratá-los como tradições, “Como formas de transmissão mediatizadoras graças às quais o passado se dedica outra vez a vivificar o presente”. O passado é visto, pois, como inacabado, aberto a novas interpretações (NACARATO; PASSEGGI, 2013, p. 291, grifo das autoras).

Nesse processo, narrar concerne ao narrador rememorar momentos, sentimentos e cenas referentes às histórias vividas. É importante destacar que se narra em contexto diferente daquele da vivência. Por isso, é importante se atentar para as emoções que o ato de narrar traz. São movimentos direcionados ao passado para compreensão e construção de práticas futuras, segundo Nacarato e Passeggi (2013, p. 292):

No ato de escrita da narrativa, o narrador precisa não apenas lembrar-se dos fatos passados, como também construir um cenário, uma trama na qual a história se passa, suas personagens e suas ações. Tem também que pensar em quem será o leitor dessa história, pois todo texto pressupõe um leitor. E mais: ao escrever, há todo um processo de reflexão sobre a experiência a ser narrada. Esse é o momento em que são atribuídos sentidos e significados ao que se faz.

Na escrita das narrativas autobiográficas “[...] fazem-se escolhas, é possível selecionar o que se gosta de contar; busca-se apresentar uma versão de si mesmo naquele tempo, espaço” (NACARATO; PASSEGGI, 2013, p. 292). Nesse ínterim, a participante da pesquisa relata: “*Corro ao encontro de respostas ou a mais perguntas, e narrar minhas histórias de experiências são como pontes que me permitem transitar em minha existencialidade enquanto docente*” (Professora da Educação Infantil).

Com efeito, a pesquisa narrativa defendida por Clandinin e Connelly (2015, p. 51, grifo dos autores), “é uma forma de compreender a experiência [...]” dos momentos vivenciados na trajetória formativa e profissional. “É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com *milieus*”, conforme destacam os autores.

Nas narrativas autobiográficas, as tensões são utilizadas para retratar o engajamento da professora na investigação narrativa. Segundo Mello, Murphy e Clandinin (2016, p. 580), são

[...] três tensões particulares que, normalmente, causam dificuldades para os pesquisadores. Engajando no início da narrativa autobiográfica, mudando de textos de campo para textos de pesquisa, e conduzindo investigações narrativas tornadas propositais para justificativas pessoais, teóricas/práticas e sociais.

Frente às tensões e aos desafios em utilizar as narrativas autobiográficas como pesquisa, como meio de investigação, a participante da pesquisa percebeu-se destemida e engajada na busca atenta aos obstáculos que, segundo os autores, referem-se aos lugares onde sentimos a dissonância, a incerteza, a sensação de que algo não está muito certo, ou seja, os lugares que nos fazem perguntar a nós mesmos: o que está acontecendo aqui? Dessa forma, a investigação narrativa proporciona-nos contar e compreender histórias de experiências dos processos formativos.

Primeiramente, é importante investigar como você se vê, e se torna, dentro da investigação. Sem ter o entendimento do que traz cada um de nós para nossos quebra-cabeças, nós corremos o risco de entrar em relacionamentos sem um sentido de quais histórias estamos vivendo e contando nos relacionamentos de pesquisa, e nas maneiras que nós atentamos para as experiências dos participantes da pesquisa. (CLANDININ 2013, p. 36 apud MELLO; MURPHY; CLANDININ, 2016, p. 568-569).

As narrativas autobiográficas produzidas pela professora participante da pesquisa no âmbito da Especialização contribuíram para ouvir os pares nas histórias de experiências compartilhadas nas aulas de disciplinas desse curso, no período de 2019 a 2020. Também aprendizagens sobre os fundamentos teórico-metodológicos da matemática na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Por isso, escutar suas histórias e vivenciar experiências sendo narradas por eles constituem caminhos a serem percorridos nas investigações. Estas possibilitam compreender que os conhecimentos prático-profissional e prático-pessoal estão imbricados.

REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SOBRE A MATEMÁTICA NO PERCURSO FORMATIVO

O constante movimento reflexivo em relação à sua prática de ensino em matemática, instigou à professora da educação infantil a se inscrever no curso de Especialização, como mencionado anteriormente. As narrativas autobiográficas produzidas nessa formação continuada oportunizaram-lhe romper com o conhecido e aventurar-se ao desconhecido, na busca reflexiva de sua inconclusão humana numa ação permanente de procura de que-fazer docente (FREIRE, 1996) nos processos de ensino-aprendizagem da matemática na educação infantil.

De acordo com Serrazina (2012, p. 272), “[...] os professores têm, eles próprios de viver experiências matemáticas ricas, do tipo das que se espera que proporcionem aos seus alunos e que para eles constituam um desafio intelectual”. Por essa razão, os encontros formativos devem proporcionar aos(as) professores(as) reflexões sobre seus processos de ensino-aprendizagem dos conteúdos matemáticos na sua trajetória formativa e profissional.

Na escrita de narrativas autobiográficas, a professora da educação infantil compartilha práticas de ensino em matemática numa abordagem tradicional que a inquietava pela busca de inovação de sua atuação em sala de aula, conforme mostra o excerto:

Deparei-me com uma professora mecanizada, presa a conteúdos, livros, métodos enrijecidos. Nas aulas, perguntas eram sempre dribladas, descartadas como papéis de rascunhos não mais necessários, empilhados em cima da mesa localizada no centro da sala.

As aulas ministradas não eram ruins, ou sem a total entrega da professora, ou sem profissionalismo e competência. De fato, não eram! Pode-se dizer que as aulas de matemática eram até coerentes, pois integravam conteúdos, saberes, brincadeiras, bem como agradavam a instituição na qual a professora desenvolvia suas atividades como docente e também aos pais. Mas faltava algo. A professora, a cada aula de matemática ministrada, percebia-se mais incomodada, como se soubesse menos. Essa professora sou eu. (Professora da Educação Infantil)

Perceber-se como uma professora repetidora não foi tarefa fácil, pois desempenhava com dedicação sua função docente. Seu trabalho era elogiado e desenvolvido com destreza e perfeição. Mas, “as indagações e as ações das crianças estavam sempre na contramão do que apresentava e considerava o ideal de aprendizagem” (NEVES; OLIVEIRA, R.; OLIVEIRA, S., 2021, p. 226). Por essa razão, retomou seus estudos sobre o grande educador e pesquisador Paulo Freire, a partir de leitura, reflexões e vivências de sua obra “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa”.

Destarte, a melhor maneira de refletir é pensar a prática e retorná-la para transformá-la, como nos diz Freire (1996), a educação visa a transformação daquelas e daqueles que se deixam atravessar-se por ela. Sob a inspiração freiriana entrelaçada à sua prática docente, paulatinamente refletiu sobre a complexidade educacional e os processos de ensino-aprendizagem da matemática na educação básica, perpassando a formação inicial e continuada.

Na sua trajetória formativa e profissional sempre buscou atualizar e articular o cuidar e o educar na prática pedagógica na educação infantil, conforme ressalta Kramer (1999, p. 2):

[...] qualquer educação infantil contribui para o desenvolvimento humano e social? Também em termos qualitativos o trabalho realizado em creches e pré-escolas não é ainda democrático: muitas têm apenas caráter assistencial ou sanitário, que são importantes, mas não substituem a dimensão educativa, social e cultural, cruciais para favorecer o desenvolvimento das crianças e seu direito de cidadania. A educação infantil como espaço de socialização e convivência, que assegure cuidado e educação da criança pequena, não é ainda realidade das creches e pré-escolas brasileira.

A docência na educação infantil se constrói mediante essa integralização e também à concepção de infância e de educação infantil. Através do(a) professor(a) e de suas diferentes formas de perceber a criança, tal como descritas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) como a primeira etapa do sistema de ensino (BRASIL, 2010). De acordo com esse documento, “a criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2010, p. 12).

Por sua vez, a Base Comum Nacional Curricular (BNCC) nos apresenta uma “concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social [...]” (BRASIL, 2018, p. 38). Sua aprendizagem deve perpassar todo o processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Uma presença no mundo e com o mundo, como diz Freire (1996), uma presença que fala, pensa, sonha, constata, avalia, transforma.

No que se refere aos campos de experiências apresentados na BNCC, corroboramos a afirmação de Moraes (2020, p. 10):

Embora a BNCC de Educação Infantil não intenta configurar campos disciplinares, podemos concentrar os saberes matemáticos no último campo: Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Isso não nega a existência de modos de fazer matemática em outros campos, mas elenca a compreensão que o quinto campo reúne as maiores possibilidades de práticas matemáticas.

Nesse contexto, as práticas matemáticas podem ser vivenciadas em todos os campos de experiências num trabalho interdisciplinar, sem limitar um campo para realizar as atividades. Dessa maneira, as diferentes práticas de ensino em matemática devem ser contempladas na educação infantil.

Tendo em vista os eixos estruturantes das práticas pedagógicas e as competências gerais da educação básica propostas por esse documento de caráter normativo,

[...] seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2018, p. 37).

Essas perspectivas evidenciam a importância do papel dos(as) professores e de uma formação que propicie um trabalho pautado na individualidade do ser criança. Segundo Silva (2016, p. 27), um “corpo-professor”, ou seja, um professor que habita muitos de “si mesmo”, que se preocupa com cada detalhe no processo educativo de suas crianças: desde a maneira de posicioná-las na sala, na abordagem dos conteúdos, na articulação entre o cuidar, o educar e o brincar nas ações de ensino-aprendizagem até as preocupações que se transformam em agitação no fazer pedagógico.

Freire (1996) deixa-nos claro que ensinar é mais que transferir conhecimento. É o compartilhamento de saberes, experiências, aprendizagens e vivências entre o(a) professor(a) e os(as) estudantes. Desse modo, a professora da educação infantil demonstra preocupação em como realizar essa troca referente aos conteúdos matemáticos com seus pares.

Desde sua origem até a contemporaneidade, em todas as partes do mundo, a matemática está presente: no fracionamento do tempo, nos cálculos simples ou sistematizados e nos desenhos que além de expressão artística são um extrato da matemática. O conhecimento matemático foi sendo modificado e ampliado, estendendo-se de forma visceral em todas as culturas. Mesmo estando presente no cotidiano de nossas vidas, a matemática ensinada em conformidade com os discursos e as práticas de uma educação bancária, pode se tornar um percalço ou um “monstro” a ser domado, através de uma pedagogia libertadora (FREIRE, 1987).

Por meio de reflexão crítica sobre sua formação e prática docente (FREIRE, 1996), a professora da educação infantil pensou sobre como oportunizar aos(às) estudantes a compreensão de conceitos e conteúdos matemáticos, considerando as tessituras de sua formação e prática pedagógica compartilhadas a seguir.

Minha jornada acadêmica foi marcada por encontros e desencontros. Alguns felizes, outros nem tanto. A matemática no Ensino Médio se caracterizou em um desses encontros infelizes, sem sabor. O professor de matemática transformava cada erro em um constrangimento. Ele foi um dos responsáveis por esse desencontro. Este único professor, em toda a minha trajetória escolar, foi capaz de me desestabilizar com

seus discursos arrogantes e sua visão conturbada da realidade. Dizia constantemente: “Poucos de vocês vão chegar a *algum lugar com a matemática*”. “*O conceito está aí. Quem aprendeu, aprendeu*”. (Professora da Educação Infantil)

Nesse percurso formativo, a leitura do artigo “Matemática, monstros, significados e Educação Matemática” de Lins (2004) propiciou-lhe entender o processo de desmistificação do monstro Matemática. Nesse sentido, a partir da própria prática, a professora da educação infantil passou a criticar as grandes fissuras que sofreu no seu processo formativo. Assim, começou a pensar como poderia contribuir para a aprendizagem matemática de seus estudantes. Dessa forma, o autor propõe que o monstro - no seu caso, a matemática - que somente paralisa quando não se sabe como funciona, quando não se sabe como se deve agir em relação a ele e quando não se sabe o que se diz a ele, isto é, quando o único significado que se consegue produzir ao saber (a matemática) é exatamente este: “não sei o que dizer”.

Com isto em foco, desafiou-se como professora e buscou conhecer, entender e significar a matemática na sua trajetória formativa e profissional. Propôs situações de aprendizagem na sua sala de aula e na prática diária. Nessa proposição, as crianças se tornaram participantes ativas nos processos de ensino-aprendizagem e na construção ou (des)construção dos conceitos matemáticos. As mudanças proporcionaram também o aprofundamento teórico e prático de seus conhecimentos em relação à matemática.

Nesse contexto, preocupou com os conhecimentos das crianças que, segundo Lins (2004), deixamos de fora da sala de aula o que os estudantes trazem de suas casas, como deixamos de lado suas vivências. Dessa forma, como relata Oliveira (2017), os estudantes dominam estratégias e procedimentos para a solução de problemas inseridos em atividades diversas que acontecem em diferentes momentos e situações fora da escola e não são incorporadas no âmbito escolar. Assim, os saberes experienciais dos estudantes devem ser considerados nas práticas de ensino em matemática.

Nos materiais do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), programa de formação continuada de professores(as) que ensinam matemática nos anos iniciais, experienciado no ano de 2014, a matemática se apresenta como um movimento reflexivo de experiências vividas nas práticas cotidianas e escolares, conhecendo e respeitando as culturas da infância, uma vez que não temos como dissociar das atividades do dia a dia. Nesse contexto, encontramos a matemática em diferentes situações do dia a dia, seja nos “números, medidas, figuras, placas de trânsito, telefones, notas e moedas, gráficos e tabelas que apoiam previsões, desenhos arquitetônicos; na utilização de balanças e fitas métricas, enfim, há uma infinidade de informações que se expressam na linguagem matemática” (LOPES; MENDES; FARIA, 2006, p. 19).

Sendo assim, a criança aprende com mais facilidade quando assuntos como a “matemática” são apresentados por meio de estímulos conduzidos pelas práticas diárias, as quais propiciam aprendizagens. Desse modo, para o exercício da docência em qualquer nível de escolaridade, como afirma Oliveira (2017), é necessário ter um significativo conhecimento dessa área. Ensinar matemática tem sido, frequentemente, uma tarefa difícil, com visões distorcidas, estabelecidas nos primeiros contatos.

Destarte, no que concerne à formação inicial e continuada para o ensino de matemática, de acordo com Fernandes e Oliveira (2021, p. 7), “[...] há desafios que precisam ser superados, como as crenças, os medos e as dificuldades que muitos professores enfrentam ao ensinar os conteúdos matemáticos”. Por isso, a formação continuada em matemática é imprescindível, pois

contribui para as aprendizagens da docência de professores(as) que atuam na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Freire (1996) insiste que formar é muito mais do que puramente treinar os estudantes no desempenho de destrezas e num movimento das ações das práticas diárias, pensando no contexto de rupturas e metamorfoses. O ensino da matemática deve fundamentar-se, como menciona Oliveira (2017), no conhecimento e na compreensão da razão dos fatos que o sujeito vivencia e presencia, bem como nas relações entre os diferentes fenômenos e ideias presentes nos conteúdos matemáticos. Nesse contexto, as práticas pedagógicas em aulas de matemática precisam ser refletidas, dinamizadas e problematizadas.

EXPERIÊNCIAS MATEMÁTICAS NA TRAJETÓRIA FORMATIVA E PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

As narrativas autobiográficas compartilhadas neste estudo são o retrato da formação que, ao longo de sua trajetória como pessoa e professora, marcaram profundamente as ações pedagógicas desenvolvidas em salas de aula da educação básica e superior, as quais são fontes de inspiração para práticas futuras. “Ao compormos nossas narrativas, nos movemos no espaço tridimensional, relembremos histórias passadas que influenciam nossas perspectivas presentes através de um movimento flexível, que considera o subjetivo e o social e que os situam em um dado contexto” (CLAN-DININ; CONNELLY, 2015, p. 107).

Nas narrativas autobiográficas produzidas no contexto da pesquisa realizada na Especialização, a professora da educação infantil compartilha experiências matemáticas de sua trajetória formativa e profissional, as quais possibilitaram refletir sobre os saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista (FREIRE, 1996) nos espaços de formação.

As práticas formativas experienciadas e descritas nas narrativas desta seção, oportunizaram-na ser sujeito da produção de saberes e conhecimentos, proporcionando criar possibilidades para a sua construção, ao ensinar-aprender matemática (FREIRE, 1996).

Quando criança, em minhas aulas na pré-escola, vivenciei atividades que integravam conceitos matemáticos e o brincar. Atividades simples como confeccionar colares de macarrão. Tendo um pedaço de barbante nas mãos, medidos a partir do tamanho do nosso braço, colocávamos um a um os macarrãozinhos. Tia Martinha, uma professora de cabelos pretos e curtos, pedia, com sua voz firme, porém doce, que contássemos os macarrões em voz alta. (Professora da Educação Infantil)

O uso da palavra “pré-escola” sempre lhe remeteu a algo dissociado do ambiente escolar, como se fosse uma pré-moldagem para as crianças ingressarem na escola. Posteriormente, os estudos propiciaram a compreensão desta no âmbito da educação infantil.

Dessa forma, a educação infantil constitui a primeira etapa da educação básica, e as lutas para a promoção e garantia das leis as quais asseguram que as crianças em idade entre 0 e 6 anos recebam um trabalho pautado no caráter educativo, na assistência, na alimentação, na saúde e na segurança, com condições materiais e humanas que tragam benefícios sociais e culturais para as crianças, como menciona Kramer (1999), ainda são cotidianas e necessárias, bem como a formação profissional dos(as) professores(as). Formação entendida, segundo Neves, Oliveira, R. e

Oliveira, S. (2021, p. 230), “como qualificação, na melhoria da qualidade do trabalho pedagógico, e de profissionalização, garantindo avanço na escolaridade, na carreira e no salário”.

Nos momentos experienciados em sua infância vivenciou práticas matemáticas cotidianas nas relações estabelecidas com sua avó nas idas ao mercado fazer compras solicitadas por ela, conforme expresso na narrativa:

Quantas vezes, quando menina, fazia favores para minha avó. Tais tarefas incluíam ir ao mercado comprar produtos diversos. Nas primeiras idas ao mercado, o dinheiro era dado para determinado produto que já estava “trocadinho”, ou seja, era só chegar, pedir, receber o produto e entregar o dinheiro. Fácil! Fui crescendo e a quantidade de produtos para comprar também, bem como a quantia em dinheiro que levava para a mercearia. Passei a ter que identificar valores representados nas cédulas e moedas, se o valor que tinha era suficiente para compra do produto, e conferir o troco. Não foi tarefa fácil, mas aprendi. Minha avó se empenhou bastante na tarefa de ensinar, uma mulher analfabeta de escola e letras, mas com grandes saberes e experiências da vida. Assim, aprendi. (Professora da Educação Infantil)

A narrativa produzida corrobora a concepção de Freire (1996, p.77, grifos do autor): “[...] aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender [...] é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. Marcas de um aprender que são profundas nas suas experiências em sala de aula da educação básica e na relação com seus estudantes, num processo de dualidade de experiências e memórias, vida profissional e familiar.

Os momentos experienciados na Especialização em Ensino de Ciências e Matemática nos Anos Iniciais possibilitaram o compartilhamento de saberes, vivências e aprendizagens das práticas de ensino em matemática na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Mais um dia de encontro no curso de especialização. Vou para o ponto de ônibus cansada após mais um dia de trabalho, mas a empolgação em partilhar vivências com o grupo era maior. Sim, partilhar. Palavra que definiu as aulas no curso de Especialização em Ensino de Ciências e Matemática nos Anos Iniciais na Universidade Federal de Juiz de Fora.

Os encontros eram regados de aprendizagens, saberes e experiências partilhados e compartilhados de forma significativa e com grande valia para minha prática diária na escola.

Naquela aula, em específico, trabalhamos com a malha quadriculada e suas possibilidades. Conhecer, compreender, vivenciar as aplicabilidades com atividades práticas e já pensar nas aulas com nossos alunos.

O partilhar entre professores com demandas, dúvidas, anseios. Não estava mais só. (Professora da Educação Infantil)

A formação continuada possibilitou não apenas pensar sua prática, mas vivenciar a curiosidade em movimento, que “como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não *aprendo* nem *ensino*” (FREIRE, 1996, p. 95, grifos do autor). Portanto, a curiosidade proporciona tornar as aulas de matemática mais dinâmicas, desafiadoras e

motivadoras. A criação dessas possibilidades, segundo Vieira Junior e Oliveira (2020, p. 713), “[...] requer uma formação sólida do docente. Aquele que ensina deve dominar o conteúdo que está mediando. Mas não basta apenas possuir o domínio desse conteúdo, pois também deve possibilitar na sua prática a compreensão do assunto por parte de seus estudantes”.

Curiosidade que, ao abordar através das experiências narradas, expõe “o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser - sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social [...]” (JOSSO, 2007, p. 420). Esses encontros formativos no percurso de sua trajetória formativa e profissional têm contribuído para o seu desenvolvimento profissional. Com efeito, nas práticas de ensino em matemática na educação infantil busca envolver as crianças nos processos de ensino-aprendizagem.

Destarte, as narrativas autobiográficas compartilhadas neste estudo contribuíram para ressignificar as práticas de ensino em matemática pela professora da educação infantil, por meio de vivências de atividades lúdicas, desafiadoras e problematizadoras em salas de aula da educação básica. Nesse sentido, narrar experiências de sua formação e atuação docente favoreceram seu desenvolvimento profissional e aprendizagens da docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Freire (1996, p. 41, grifo do autor), “[...] *mudar é difícil mas é possível* [...]”. Esta afirmação revela nas narrativas autobiográficas da professora participante da pesquisa as mudanças de suas práticas pedagógicas em aulas de matemática na educação infantil. Foram muitos desafios experienciados na sua trajetória formativa e profissional para conseguir aprender os conteúdos matemáticos para ensinar aos seus estudantes.

As narrativas representam mudanças que permearam suas experiências como docente na educação infantil, tornando assim autorretratos dinâmicos e construídos, como afirma Josso (2007, p. 422): “[...] numa dialética de elaboração e de análise feita de momentos individuais e em grupo, permitem progressivamente evidenciar as dinâmicas dos processos de formação de nossa existencialidade”.

Ao narrar suas vivências, revisitar suas memórias e compartilhá-las com outros profissionais e com seus estudantes, colocou como afirma Freire (1996) na citação inicial desta seção, na difícil condição de mudar os movimentos de sua trajetória formativa e profissional que orientam seu percurso numa perspectiva dialógica entre teorias e práticas, saberes e experiências.

Nesse momento tomou como base a análise compreensiva-interpretativa (SOUZA, 2014) e reflexiva que possibilitou compreender como as narrativas apresentadas foram fontes de transformação de práticas e na construção de uma identidade docente mais ativa e aberta às aprendizagens compartilhadas. Ademais, convém ressaltar que

Ademais, convém ressaltar que “a análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a relação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação [...]” (SOUZA, 2014, p. 43).

Os processos formativos contribuíram para as mudanças das práticas de ensino em matemática na educação infantil, por meio de olhares reflexivos para as narrativas autobiográficas que fomentam a conscientização de ser ativamente sujeito de sua história. Assim, Josso (2007, p. 423) traduz como ajustes necessários que possibilitam “[...] ter a medida do que está em jogo em toda a

formação: a atualização do sujeito num querer e poder ser e vir-a-ser e sua objetivação nas formas socioculturais visadas, as que já existem ou as que ele tiver que imaginar [...]”.

Após narrar e revisitar diversos momentos da prática docente, em específico em relação à matemática, a partícipe da pesquisa vislumbrou as potencialidades da curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996) nos processos de ensino-aprendizagem dos conceitos e conteúdos matemáticos articulados às vivências cotidianas, ao brincar, às descobertas e à produção do conhecimento.

Na atuação como professores(as) que ensinam matemática precisamos pensar e vivenciar uma Educação Matemática que proporciona diferentes práticas pedagógicas de inclusão social de crianças, adolescentes e jovens nos processos de ensino-aprendizagem (NACARATO; MENGALI; PASSOS, 2009).

Com efeito, as narrativas autobiográficas oportunizam compreender os processos de formação, conhecimento e aprendizado. A aprendizagem narrativa pode ser vista como fundamental para o entendimento de um modo diferente de produção de conhecimento e a escola pode exercer o papel no âmbito da cultura e da política.

A utilização de narrativas no processo investigativo, segundo Souza e Cruz (2017, p. 181), “[...] reitera o significativo papel que desempenha, como importante dispositivo de formação e autoformação, por parte de cada sujeito, do seu percurso pessoal e profissional, permitindo-lhe assim debruçar-se sobre sua história [...]”. Por isso, as narrativas constituem-se como instrumento metodológico importante para a compreensão das práticas formativas.

As narrativas compartilhadas neste artigo revisitam as memórias de momentos vivenciados pela professora da educação infantil em sua trajetória formativa e profissional. Também revitalizam constantemente suas práticas pedagógicas nos espaços formativos da educação básica e da universidade, estabelecendo elos entre as vivências, os saberes e as experiências.

A opção pelas narrativas autobiográficas como metodologia que se pauta no fato de que narrar possibilita reflexões sobre o modo como desenvolve o trabalho docente; a criação da própria identidade pessoal; a aproximação entre a academia e a educação básica e a construção de sentidos acerca da profissão. Estas oportunizaram à professora da educação infantil construir, cotidianamente, sua identidade profissional, por meio do compartilhamento de saberes, experiências e aprendizagens da docência, numa relação dialógica com seus pares nos ambientes de formação.

As narrativas autobiográficas compartilhadas neste artigo revelam a importância da formação inicial e continuada de professores(as) que ensinam matemática e do entrelaçamento de práticas matemáticas cotidianas e escolares nos processos de ensino-aprendizagem, para proporcionar aos(às) estudantes a compreensão do que será discutido, dinamizado e problematizado em sala de aula e outros espaços formativos da educação básica e da universidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa**. Tradução do Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores (GPNEP) ILEEL/UFU. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

FERNANDES, Letícia Freitas; OLIVEIRA, Sandra Alves de. Narrativas de professoras dos anos iniciais sobre a matemática na sua trajetória formativa e profissional. **Revista de Educação Matemática (REMat)**, São Paulo, v. 18, p. 1-18, jun. 2021. ISSN 2526-9062. DOI: 10.37001/remat25269062v18id541. Disponível em: <https://bit.ly/3wlxwRu>. Acesso em: 7 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, v. 30, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007. ISSN 0101-465X. Disponível em: <https://bit.ly/3B0DQqf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

KRAMER, Sonia. O papel social da educação infantil. **Revista Textos do Brasil**, Brasília, 1999. Disponível em: <https://bit.ly/3Q83tto>. Acesso em: 18 jan. 2021.

LINS, Romulo Campos. Matemática, monstros, significados e educação matemática. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; BORBA, Marcelo de Carvalho (org.). **Educação matemática: pesquisa em Educação**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 92-120.

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto de (org.). **Livro de estudo: Módulo IV**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Secretaria de Educação a Distância, 2006. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 8).

LORENZATO, Sergio. **Educação infantil e percepção matemática**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MELLO, Dilma; MURPHY, Shaun; CLANDININ, D. Jean. Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 3, p. 565-583, set./dez. 2016. ISSN 2525-426X. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n3.p565-583. Disponível em: <https://bit.ly/3wFJJXm>. Acesso em: 17 jan. 2021.

MORAES, João Carlos Pereira de. A presença da educação infantil em componentes obrigatórios de Educação Matemática em cursos de Pedagogia nas Universidades Federais do Sul do Brasil. **VIDYA**, Santa Maria, v. 40, n. 2, p. 5-21, jul./dez. 2020. ISSN 2176-4603. DOI: 10.37781/vidya.v40i2.3308. Disponível em: <https://bit.ly/3RpcEGO>. Acesso em: 8 mar. 2021.

NACARATO, Adair Mendes; MENGALI, Brenda Leme da Silva; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion. **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NACARATO, Adair Mendes; PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas autobiográficas produzidas por futuras professoras: representações sobre a matemática escolar. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 18, n. 3, p. 287-299, set./dez. 2013. ISSN 1519-3993. DOI: 10.24220/2318-0870v18n3. Disponível em: <https://bit.ly/3Ro2ypP>. Acesso em: 15 jan. 2021.

NEVES, Alessandra Imaculada de Almeida; OLIVEIRA, Rafaela Reis Azevedo; OLIVEIRA, Sandra Alves de. Narrativas autobiográficas de histórias de experiências matemáticas no percurso formativo de uma professora da educação infantil. *In: ENCONTRO MINEIRO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA*, 9., 2021, Pouso Alegre, MG. **Anais eletrônicos** [...]. Pouso Alegre: SBEM-MG/IFSULDEMINAS, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Tsrjmt>. Acesso em: 19 nov. 2021.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. *In: NÓVOA, António (org.). Vida de professores*. 2. ed. Portugal: Porto, 2013. p. 11-30.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. **Metodologias de matemática na educação infantil**. Uberlândia: FUCAMP, 2017.

SERRAZINA, Lurdes. Conhecimento matemático para ensinar: papel da planificação e da reflexão na formação de professores. **Revista Eletrônica de Educação**, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSCar, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 266-283, maio 2012. ISSN1982-7199. Disponível em: <https://bit.ly/3AZDwl8>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SILVA, Aline Aparecida. **Aprendizagens em uma sala de aula de matemática**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014. ISSN 0101-9031. DOI: 10.5902/1984644411344. Disponível em: <https://bit.ly/3AAVq2H>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de; CRUZ, Núbia da Silva. Pesquisa (auto)biográfica: sentidos e implicações para o campo educacional. *In: AMADO, João; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro (org.). Referenciais teóricos e metodológicos de investigação em educação e ciências sociais*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017. p. 167-194.

VIEIRA JUNIOR, Wagner Alvarenga; OLIVEIRA, Sandra Alves de. Narrativas da formação e da atuação do pedagogo no processo de ensino e aprendizagem da matemática nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Paranaense de Educação Matemática**, Campo Mourão, PR, v. 9, n. 19, p. 704-730, jul./out. 2020. ISSN 2238-5800. DOI: 10.33871/22385800.2020.9.19.704-730. Disponível em: <https://bit.ly/3KydT4e>. Acesso em: 11 nov. 2020.

RECEBIDO EM: 09 jan. 2022

CONCLUÍDO EM: 31 ago. 2022